



A ética da diversão é uma tentativa de recuperar os prazeres da infância *fazendo de conta*. Muitas brincadeiras infantis, principalmente as que imitam os adultos, contêm implícita ou explicitamente atitudes de **faz-de-conta**. A **fantasia** é importante para que a criança se entregue de corpo e alma à brincadeira. Se o adulto for brincar com as crianças será obrigado a aceitar o *faz-de-conta* ou então não poderá brincar. Sem o *faz-de-conta* a criança não pode se entregar totalmente e, sem essa entrega total, não há prazer.

O **comprometimento total** com o que se está fazendo é uma das condições básicas para o *prazer*. A pessoa fica dividida e em conflito quando não se envolve totalmente. As crianças se envolvem completamente com os jogos e brincadeiras. Quando dizem que a brincadeira foi divertida, não quer dizer só um passatempo, mas sim que, numa situação de *faz-de-conta*, se envolveram de corpo e alma com a atividade e alcançaram prazer ao se *auto-exprimir*.

Todos sabemos que as brincadeiras infantis manifestam a ação do impulso criativo humano. Muitas vezes envolvem um alto grau de **imaginação**. A facilidade com que uma criança *faz-de-conta* indica que seu mundo é, em grande parte, **subjetivo**, com muitos sentimentos armazenados, prontos para serem usados. Como ela está relativamente livre de pressões e responsabilidades, a imaginação consegue transformar a realidade num **mundo de fadas** com oportunidades ilimitadas para a auto-expressão e o prazer.

A **criatividade adulta** também emerge das mesmas fontes e com a mesma motivação das crianças. Resulta do **desejo de prazer** e da necessidade de **auto-expressão**. Tem a mesma atitude séria das brincadeiras e também causa prazer. Sempre há um elemento de diversão no processo criativo, pois começa com um **faz-de-conta, isto é, uma suspensão da percepção da realidade para que o novo e o inesperado apareçam**. Em relação à criatividade, todos somos crianças. A *criatividade, como muitas vezes acontece, pode se transformar em trabalho e, assim mesmo, continuar a dar prazer*. Quando, tanto a diversão como o trabalho, são criativos e agradáveis, a única diferença está na importância dos resultados.

As coisas são divertidas quando a realidade está suspensa em nossa consciência, o que nos causa prazer. Mas o fim do prazer não é nada divertido, como qualquer criança pode dizer. Por maior que seja o *faz-de-conta*, a criança não perde o contato com seus sentimentos e permanece atenta a seu corpo. Sua realidade interna não é suspensa: se brigar, machucar-se ou, por qualquer outra razão, perder o prazer, a brincadeira acaba. A criança não tenta se enganar. Não esquece a *realidade interna*, nem mesmo durante suas brincadeiras. **Sua imaginação só transforma a**



**realidade externa. No caso do adulto, seus pensamentos podem divagar, mas não deve tirar os pés do chão.** Só quando estamos seguros da própria identidade e nos fundamentamos na realidade de nossos corpos, o faz-de-conta é divertido. Uma das razões de não termos prazer é que tentamos nos divertir com coisas sérias (ex.: sexo, álcool, drogas...) e levamos a sério as atividades que são meras diversões (ex. jogos: de cartas, de futebol...).

**A diversão como uma fuga se relaciona à idéia de escapada.** Esta é a rejeição da realidade social, da realidade de propriedade de uma outra pessoa, dos seus sentimentos e até de sua própria vida. Geralmente os resultados de uma escapada são bem sérios e poucas vezes agradáveis. Os jovens geralmente fazem escapadas para expressarem ressentimentos contra a realidade repressora da imaginação que restringe o prazer. Quando as escapadas são inocentes, quer dizer, quando não são perigosas nem destrutivas, fazem parte do mundo adolescente e servem com uma das pontes entre a infância e a idade adulta. Mas se não for esse o caso, deixa de ser diversão para se transformar numa ação desesperada para fugir da realidade.

A própria procura de divertimento destrói a capacidade de sentir prazer. Este exige uma atitude séria diante da vida. **Um compromisso com a própria existência e com o próprio trabalho. É uma atividade vital, quer se esteja brincando como criança ou trabalhando como adulto.** A escapada, por mais divertida que possa parecer, sempre acaba em dor, como todas as tentativas de fugir dos compromissos.

Sandor Rado afirmou que o prazer é “o laço que une”. Para mim (Alexander Lowen), isso quer dizer que **o prazer nos une aos nossos corpos, à realidade, aos amigos e ao trabalho.** Se o cotidiano traz prazer, para que escapar? A verdadeira diversão aumenta nossa alegria de viver.

### **A Natureza do Prazer**

Subjacente a qualquer experiência de alegria, ou felicidade existe uma sensação corporal de prazer. Para que uma atividade seja divertida deve dar prazer. Se causasse dor, seria difícil descrevê-la como divertida. Como o prazer está ausente, o “faz-de-conta da diversão” é uma cruel charada. O mesmo é verdadeiro para a felicidade. Sem a sensação de prazer, a felicidade é apenas uma ilusão. A verdadeira diversão e a felicidade real derivam seus significados do prazer que se sente na situação. Mas não é necessário estar se divertindo ou feliz para se sentir prazer. Pode-se

---



ter prazer nas circunstâncias comuns da vida, *pois o prazer é um modo de ser*. A pessoa está num estado de prazer quando os movimentos de seu corpo fluem livres, ritmicamente e em harmonia com seu ambiente.

O **trabalho** geralmente não é considerado como ocasião de diversão ou razão para se sentir feliz, entretanto como todos sabem, pode ser uma fonte de prazer. Depende, evidentemente, das condições do trabalho e da atitude que se tem em relação à tarefa. O trabalho é coisa séria; exige uma certa disciplina e um compromisso com a atividade. Objetiva alcançar um resultado desejado e é para isso que se trabalha, e, portanto difere da brincadeira na qual se consegue ficar indiferente aos resultados. Mas o *trabalho pode ser um prazer* quando as exigências de um serviço envolvem livre igualmente as energias de um indivíduo. Se a situação do trabalho é aceita voluntariamente, o indivíduo irá sentir prazer à medida que suas energias fluam fácil e ritmicamente na sua atividade funcional. E, além da satisfação que possa derivar dos resultados, sentirá uma particular sensação de prazer nas reações rítmicas de seu corpo. ***Quando estamos identificados com uma atividade, fluímos livres e espontaneamente. O prazer é esse fluxo de sentimentos.***

O prazer exige correspondência entre o estado interno e a situação externa, encerrando um grande **componente inconsciente**, o que faz com que tenha um **caráter espontâneo**. Ao sentir prazer permitimos que a sensação domine nosso ser. O fluxo de sentimentos precede à deliberação e à vontade. O prazer não pode ser possuído. É preciso se entregar a ele, isto é, permitir que ele tome posse de nosso ser.

Enquanto a reação à dor envolve um aumento da autoconsciência. O prazer se esquia do indivíduo autoconsciente assim como é negado ao egotista (egocêntrico). Para tê-lo é preciso deixar as coisas “acontecerem”, isto é, permitir que o corpo reaja livremente. A pessoa inibida não pode sentir facilmente prazer porque as repressões inconscientes restringem o fluxo de sensações em seu corpo e bloqueiam sua mobilidade corporal natural. Conseqüentemente seus movimentos são desajeitados e disrítmicos. O egotista, mesmo que pareça agir sem inibições, não gosta de seu exibicionismo, pois toda sua atenção e energia estão enfocadas na imagem que espera apresentar. Seu comportamento é dominado pelo seu ego e é gerado para conseguir poder e não experiência de prazer.



***O prazer e a criatividade estão relacionados dialeticamente. Sem prazer, não haverá criatividade. Sem uma atitude criativa diante da vida não haverá prazer.*** Essa dialética surge do fato de ambos serem aspectos positivos da vida. A pessoa viva é sensível e criativa. Através da sensibilidade coloca-se em harmonia com o prazer e através do impulso criativo procura sua realização. *O prazer na vida encoraja a criatividade e a comunicação, e a criatividade aumenta o prazer e a alegria de viver.*

Bibliografia: Lowen, Alexander - Prazer e Criatividade